



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

“Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte”. Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de “trabalho de campo” da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

Tupinambá do Baixo Tapajós: cultura e territorialidade, reflexões a partir construção de casamentos na contemporaneidade

Autoria: Raquel Sousa Chaves (UNB - Universidade de Brasília)

Sou mulher indígena integrante dos Tupinambá do Baixo Tapajós, povo que vêm (re)construindo sua história, após o processo de colonização iniciado no século XVII. Esta pesquisa tem por proposição a descrição etnográfica das relações sociais e seus reflexões na cultura e território a partir da construção de casamentos entre os tupinambá na contemporaneidade. As comunidades atuais têm forte relação com o catolicismo, a Missão de Santo Inácio/Tupinambarana, foi instalada em 1740 em nosso território. Os processos de aldeamento e integração ocasionaram a ideia de grupo étnico uníssono, entretanto, as tradições de cada povo é marcante nessas comunidades o que faz delas distintas uma das outras. Assim, descrevo nessa pesquisa a construção de casamentos através das histórias de compromisso vividas por nós, entre nós e com pessoas exógenas. Como funcionam as relações de troca de serviços entre as famílias na construção das



roças; as trocas de alimentos (peixe e caça); etc.; em união entre o mesmo povo. Que implicações podem existir sobre as relações sociais, cultura e território em casamentos com pessoas exógenas. Os relatos são parte da vivência da autora, residente de uma das comunidades, as experiências e as memórias de seus familiares no contar das histórias do cotidiano. Os casamentos entre indígenas se mostram fundamentais na construção das relações sociais a partir da dádiva e a reciprocidade nestas comunidades, e trazem reflexões sobre as adaptações pelas quais os sistemas de casamento se dão na contemporaneidade, com a inserção de pessoas exógenas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: